Numero 33 — Domingo 10 de Setembro de 1882 — I Anno

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DA ASSIGNATURA

EM AVEIRO: anno (50 n.os) 1$000 rs.; semestre (25 n.os) 500 rs.
FÓRA D'AVEIRO: anno (50 n.os) 1$125 rs.; semestre (25 n.os) 570 rs.

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
Numero avulso 30 rs.
Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

REFORMAS POLITICAS

Affirma-se que o ultimo conselho de ministros se decidira pelas reformas politicas. Lemos essa noticia nos jornaes do governo e confessâmos a sensação que experimentámos. Corria com insistencia desde a viagem real que o sr. Fontes, o valido omnipotente, o favorito real, o esteio mais vigoroso do throno ia fulminar o paiz com reformas. Mas, francamente, não o acreditavamos. Parecia-nos isso um extraordinario contrasenso de que não suppunhamos capaz o chefe do partido conservador, apesar d'elle nos ter dado provas em differentes occasiões de quanto é nullo e chato em politica e administração.

Emfim, não ha que duvidar. Disse-o o *Diario de Noticias*, e o *Diario de Noticias* é infallivel.

Ora ninguem n'este paiz desconhece o programma do partido progressista, e se o partido constituinte não tem programma conhecido, nem por isso são ignorados os pontos principaes das suas aspirações politicas. Ambos elles querem logo, immediatamente, primeiro que tudo, quando exercerem o poder, a applicação de medidas rasgadamente liberaes. Assim o proclamam na opposição e se no governo não pozerem em pratica as suas theorias, como já fizeram, tanto peior para elles. Nada temos com isso, que nos indica apenas a incompatibilidade entre a realeza e a liberdade; incompatibilidade de que estamos profundamente convencidos.

O que n'este momento pretendemos tornar bem caracteristico e saliente é só isto:—que as reformas politicas foram sempre a parte principal dos programmas dos chamados partidos avançados dentro da monarchia; que foi e é em nome d'ellas que especialmente esses partidos reclamam o poder; que são, emfim, o seu lemma, a sua verdadeira bandeira.

Ora nas nações onde o regimen liberal se exerce em toda a sua pureza, onde o verdadeiro parlamentarismo existe, onde a rotação do poder é um facto constitucional, os partidos definem-se pelos seus principios e pelas suas crenças. Isso é uma garantia d'ordem e de legalidade, que, não existindo, arrasta a liberdade pela anarchia e fal-a passar debaixo das forças caudinas do governo pessoal. É exactamente o que está succedendo em Portugal.

Aqui nem ha principios, nem ha dignidade, e o facto do sr. Fontes levantar agora a bandeira das reformas vem acabar de o provar de uma maneira clara e terminante. Pois como é que o governo regenerador, o representante d'um partido conhecido pelo seu conservantismo, se lembrou de reformas, elle que sempre as combateu tenazmente? Isso é simplesmente arrancar covardemente aos adversarios as suas armas de combate, é tirar-lhe todos os pretextos do poder. E um partido que procede assim, um partido que repelle os seus principios conservadores unicamente para ferir o inimigo não é serio, nem digno; é torpe.

Não pretendemos defender nenhum agrupamento nem tirar desforço por elle, porque os conhecemos a todos por egual. Significam para nós a mesma coisa. O seu fim é servir a realeza; para isso e por isso vivem. O partido progressista que repelliu as medidas liberaes, que calcou aos pés todas as promessas feitas na opposição nem fez, nem nunca fará reformas politicas porquanto isso equivaleria a matar o rei. É conhecida demais a nossa intransigencia. O nosso fim é mostrar a devassidão em que tudo isto caiu. Alem d'isso não acreditamos na bondade das taes reformas. Um governo que tem perseguido a imprensa infamemente, que não nos tem concedido liberdade de reunião, nem de associação, que protege escandalosamente os jesuitas como se viu ha pouco no caso do arcebispo de Gôa, que manda metter na cadeia os que se não descobrem na rua á passagem d'uma procissão, que proteje emfim os Arrobas e os Rangeis, não póde reformar senão para a reacção.

As reformas politicas hão de vir mas no genero da nova lei d'imprensa, uma lei á altura da gravidade das circumstancias, referendada pelo ministro que nomeou arcebispo de Gôa um jesuita dos quatro costados.

ANTONIO DE CASTRO.

OS EXERCITOS PERMANENTES

De ha muito que uma grande ideia generosa, pacifica e salutar se diffunde na Europa e encontrou um echo de sympathia e adhesão em muitos corações humanitarios e não menos esforçados campeões que vão na vanguarda do progresso universal. Esta ideia benemerita que transpirou e que o conservantismo estacionario das sociedades impede e tolhe—é a suppressão dos exercitos permanentes. Estes são considerados por todos os homens justos e que teem em algum conceito a paz e união dos povos, que os reis pretendem sempre alterar, como uma das calamidades de maior vulto e de mais funesto alcance, que podem impor-se e opprimir as forças vitaes d'uma nação civilisada por mais florescente que seja. Porque a força armada não só rouba milhares de braços ao trabalho e á producção, promovendo uma enorme diminuição na riqueza publica, mas tambem pelas verbas avultadas que consome ao estado inutilmente.

Em todos os paizes o povo tem uma aversão profunda e tradiccional pela vida militar, o que não pode deixar de succeder; pois é sempre o povo quem dá o mais avultado contingente para o exercito, e é elle sempre o sacrificado no ardor desenfreado das luctas promovidas pelo orgulho e vaidade dos monarchas. Assim, em quanto existir de pé a realeza, esta hade apoiar-se necessariamente, fatalmente no recurso extremo de que dispõe, quando o povo dêr alguns indicios de querer despojar-se da classica albarda e do seu real senhor. Quando a monarchia perdida e desnorteada, batida em toda a linha ceder o lugar a um governo forte do povo e pelo povo—á Republica, estamos intimamente convencidos de que a ultima bayoneta será quebrada sobre o tumulo do ultimo rei. Por emquanto o povo continuará a soffrer o mais odioso, desigual, vexatorio e iniquo dos impostos, o imposto de sangue; porque peza exclusivamente sobre as classes pobres visto que os ricos podem substituir-se ou remir-se d'este encargo penoso. Os exercitos permanentes trazem com sigo males numerosos e vicios detestaveis ao pobre soldado, que depois de se ter habituado a passar o melhor da sua mocidade na caserna e na ociosidade perde de ordinario o habito do trabalho, gasta-se depois a apprender uma profissão que o habilite a viver honradamente, a ponto de se transformar as mais das vezes n'um soffrivel vadio, que vae acabar na enxerga do hospital. Este estupendo abuso do militarismo, o parasita mais voraz que suga o thesouro publico, tende por tanto a desapparecer n'uma epocha não muito remota para ser substituido dignamente pelo serviço militar obrigatorio, em harmonia com o espirito e disposições do seculo.

O nosso exercito consome todos os annos a enorme quantia de quatro mil e quinhentos contos de reis, quasi a sexta parte da receita geral, salvo ainda as despezas extrordinarias. E afinal tanto dinheiro despendido para que? para formar e manter a autonomia da patria? para nos dar um nome lá fóra como nação aguerrida e poderosa? Nada disso; o soldado é apenas o sustentaculo da realeza e o *pau de cabelleira* sempre prompto a patrocinar todos os escandalos vergonhosissimos dos governos monarchicos, todas as dessipações fraudulentas das camarilhas, todos os caprichos desavergonhados dos soberanos. É este infelizmente o papel degradante que o militarismo representa no estado actual da sociedade. Pago á custa do povo para segurança da corôa, está sempre ás ordens dos reis imbecis para metralhar o povo, todas as vezes que este queira manifestar e impôr a sua vontade, que é a unica base legitima do direito, da justiça e da prosperidade dos estados.

Emquanto por consequencia o exercito continuar a pertencer ao rei em vez de pertencer á nação, emquanto não houver um exercito unico, composto de todos os cidadãos dos 18 aos 30 annos que appareça uniformisado e patriota nas occasiões tremendas em que o inimigo externo ameaça a integridade da patria, não deixaremos de bradar na vehemencia da indignação:

Abaixo os exercitos permanentes.

A. B.

ENSINO UTIL

AS ESTAÇÕES POLARES

No extremo norte, o ceo e a atmosphera apresentam phenomenos não menos impressionantes que os da terra e os do mar a que acabamos de assistir. O mais notavel d'estes phenomenos é a presença e a ausencia, alternativas do sol prolongadas durante muitos mezes. Na latitude de 70 graus, este astro conserva-se por espaço de 60 dias sem se pôr, depois deixa de apparecer durante um tempo egual. A 80 graus, fica por cima do horisonte 134 dias a seguir e depois desapparece por mais de quatro mezes. No proprio polo boreal ha um dia continuo desde 21 de Março até 23 de Setembro; a outra metade do anno compoe-se de dois crepusculos de 50 dias pouco mais ou menos cada um, separados por uma noute completa de dois mezes e meio.

Colloquemos-nos n'um ponto avançado das terras boreaes no Spitzberg, por exemplo e supponhamos que assistimos d'ahi ao estranho espectaculo de successão das estações.

No fim de Janeiro, depois d'uma longa escuridão, descobre-se para o lado do sul, ao meio dia, um clarão pallido que annuncia a approximação do sol; este clarão torna-se de dia para dia cada vez mais vivo e estende-se para o zenith; emfim, no meiado de Fevereiro, a extremidade do disco solar, reduzido a um ponto luminoso, brilha um instante para logo se extinguir, mas todos os dias o regimento visivel augmenta d'extensão até que o astro inteiro sahe do mar: a longa noute d'inverno terminou. A partir d'esse momento dão-se as alternativas de dia e noute, como nas nossas estações, até 21 d'Abril; d'esde esse dia o sol não se põe mais. Sobe no horisonte durante doze horas e nas outras doze desce mas sem desapparecer completamente, sem transpor a linha do horisonte; e assim successivamente continua girando no ceo, (1.º) sempre visivel, por espaço de quatro mezes.

Mas o estio vae terminar; a 23 d'Agosto o sol põe-se de novo pela primeira vez. A sua demora por emquanto é pequena e esta primeira noute pode-se considerar um crepusculo; a duração dos dias diminue, porem, rapidamente a partir d'então.

A 26 d'Outubro o astro luminoso mergulha no mar para não mais sahir d'elle.

O pallido clarão que resulta da sua visinhança vae-se extinguindo a pouco e pouco até acabar por deixar o ceo entregue ás profundas trevas do inverno. D'ahi em deante só o reflexo baço da Lua e a luz indecisa das estrellas illuminam aquellas tristes regiões, uma terra sepultada em neve, um Oceano coalhado pelo gelo.

No verão polar não ha calor, nem serenidade. O sol brilha sem interrupção durante quatro mezes, mas como se eleva pouco acima do horisonte despede raios que apenas roçam os objectos em lugar de os ferir perpendicularmente. Alem d'isso estes raios atravessam uma atmosphera muito densa onde perdem grande parte do calor. As temperaturas mais elevadas dos mezes de Junho e Julho são de 6 e 8 graus. Em Agosto a media anda por 1 grau acima de zero e muitas vezes chega a zero.

Na primavera, o thermometro oscilla, em Março, entre 20 e 50 graus abaixo de ponto de congelação; em Abril entre 10 e 40; em Maio entre 0 e 30. Estas extremas variações são devidas a que, em pleno verão, o ceo quasi nunca está claro durante um dia inteiro; encobre-se de repente com nuvens; espessos nevoeiros sobem do mar e enchem o espaço; ventos violentos, que arrefecem passando pelos geleiros e bancos de neve, desencadeiam-se levando adeante de si turbilhões de neve e fortes saraivadas; é o inverno com todos os seus horrores que surge de repente no meio do verão.

Ha, portanto, algumas vezes, sob este ceo inclemente horas que parecem deliciosas a mais do que um navegante, no mez de Junho, por exemplo, quando o sol brilha n'uma atmosphera limpida. Então a immensa toalha branca que cobre uniformemente

(1.º) a phrase é tomada no sentido figurado porque quem gira é a terra e não o sol.

FOLHETIM

A ULTIMA LIÇÃO

(narração d'um rapaz alsaciano)

N'aquella manhã tinha-me demorado muito em ir para a escola e estava com um enorme receio do sr. Hamel me dar uma descompostura; demais a mais tinha-nos dito que nos interrogaria sobre participios de que eu não sabia nem palavra. N'um instante passou me pela cabeça a idéa de faltar n'aquelle dia e de passar o tempo da lição a correr pelos campos.

A temperatura estava tão agradavel, o ceo tão limpido!

Ouviam se os melros a cantar na extremidade dos bosques, e os prussianos faziam exercicio no prado Rippert, por detraz da fabrica de cerração. Tudo isto me tentava mais que a tal regra dos participios; mas sempre consegui ter a força sufficiente para me dominar e deitei a correr em direcção á escola.

Quando passava em frente da casa da camara vi muita gente parada ao pé da gradesinha d'arame onde se punham os editaes. Ha dois annos que alli encontravamos todas as más novas—as batalhas perdidas, as requisições, as ordens do commando, e pensei em parar para vêr o que havia de novo.

Então, como eu atravessa se a praça a correr, o ferreiro Wachter, que estava alli com o aprendiz á espera de vez para lêr o edital, gritou-me:

«Não te apresses tanto, rapazito, que chegas sempre cedo á escola por mais que corras.»

Julguei que o homem estava a mangar comigo e continuei na minha corrida entrando todo esbaforido na pequena casa do sr. Hamel.

D'ordinario, ao principiar a aula fazia-se um grande barulho que se ouvia na rua. Eram estantes que se abriam e fechavam, lições que todos juntos repetiam muito alto tapando-se os ouvidos para melhor se aprender, e a grande regua do mestre que de vez em quando cahia em cima da mesa impondo silencio.

Eu contava com esta balburdia para chegar ao meu lugar sem ser visto; mas logo n'aquelle dia estava tudo tranquillo, como n'uma manhã de domingo. Pela janella aberta vi os meus collegas já assentados nos seus lugares e o sr. Hamel que passeiava d'um lado para o outro com a terrivel regua de ferro debaixo do braço. Não tive remedio senão abrir a porta e entrar no meio d'este grande socego. Julgae como eu estava, corado e cheio de medo!

Mas o sr. Hamel olhou-me sem colera e disse me muito suavemente:

«Vae depressa para o teu lugar, menino Frantz; iamos principiar sem ti.»

Ganhei o meu lugar d'um pulo e assentei-me rapidamente deante da estante. Só então, depois de me ter passado o susto, notei que o mestre estava de bella sobrecasaca verde, de peitilho encanudado e de barretinho de seda preta bordada que nunca punha senão em dias d'inspecção ou distribuição de premio. Alem d'isso, havia na classe alguma cousa de solemne e de extraordinario. O que, porem, mais me surprehendeu foi vêr ao fundo da sala, nos bancos que de ordinario se conservavam vasios, a gente d'aldêa assentada e tão silenciosa como nós. Notei entre ella o velho Hauser com o seu tricornio, o antigo «maire», o antigo commissario e muitas outras pessoas ainda. Aquella gente toda parecia triste; e Hauser trouxera um velho abecedario roido na extremidade das folhas, que tinha aberto em cima dos joelhos, com as suas grandes lunetas collocadas atravez das paginas.

Emquanto eu me espantava com tudo isto, subiu o sr. Hamel á sua cadeira e com a mesma voz doce e grave com que me tinha recebido exclamou:

«Meus filhos, é a ultima vez que dirijo a classe. Veio ordem de Berlim para não se ensinar d'aqui em deante senão o allemão nas escolas da Alsacia e da Lorena... O novo mestre chega amanhã. Hoje é a vossa ultima lição de francez. Peço-vos a vossa attenção.»

Estas poucas palavras desconcertaram-me. Ah! miseraveis, eis o que elles tinham affixado na casa da camara:

A minha ultima lição de francez!

E eu que apenas sabia escrever! Eu, portanto, não aprenderia mais! Era necessario que ficasse ali! Como lamentava agora o tempo perdido, as faltas que dera para correr atraz dos ninhos e escorregar no Saar! Os meus livros que poucos instantes antes achava tão aborrecidos e pesados, a minha grammatica, a minha historia sagrada, pareciam-me agora velhos amigos que grande pena me causariam ao abandona-los. E o sr. Hamel! A idéa de que ia partir, de que o não tornava a ver, fazia-me esquecer os castigos, as pancadas que apanhara da regua.

Pobre homem!

Era em honra d'esta ultima lição que elle tinha vestido os seus bellos fatos domingueiros; e agora comprehendia a razão porque os velhos d'aldeia se tinham vindo assentar na extremidade da sala. Isto parecia dizer que estavam arrependidos d'alli não terem vindo muita vez, áquella escola. Era ao mesmo tempo uma maneira d'agra-

as montanhas e os vales rasga-se em pontos para deixar ver aqui e alem largas manchas negras ou avermelhadas; é a terra que emfim se descobre. A neve derrete-se e corre em ribeiros e cascatas; por toda a parte se ouve o murmurio das aguas correntes. A humilde flora polar desperta do seu longo somno; os salgueiros anões mostram as folhas; abrem-se pequenas corollas d'ouro, florinhas brancas que fazem pensar nos prados de mais felizes regiões.

Sobre o mar, que apenas uma brisa suave encrespa, fluctuam os *icebergs* (montanhas de gelo) revestidos d'uma brilhante capa prateada. Animaes, cujo numero e variedade surprehendem parecem ter-se ahi dado *rendez-vous* para animar estes desertos.

Rebenhos de cavallos marinhos e phocas estão deitados nos bancos de gelo, como vacas e carneiros n'uma pastagem; uns agitam-se e berram, outros, immoveis, estendem-se ao sol. Milhares de pequenas aves guarnecem os penhascos; bandos de patos do norte voam em todas as direcções, procurando uma ilha que lhes convenha para ahi se estabelecerem; andorinhas maritimas brincam á superficie das aguas. O individuo vê em volta de si a imagem da primavera, da benefica natureza, da vida feliz.

Ainda não é tudo; é raro, n'esses bellos dias, que o ceo não venha acrescentar uma festa ás da terrra offerecendo ao viajante o magico espectaculo d'uma miragem. Vê se todo o horisonte elevar-se e ondular. Objectos situados a grande distancia apparecem no ar como se fossem evocados pela varinha d'uma fada. O ceo reproduz, como um espelho, bancos, icebergs, montanhas, praias com suas bahias e cabos. De repente mudam de proporções e de forma; estendem-se em largura e altura, por causa do vento que agita a atmosphera. Logo, apparecem outras figuras no firmamento, que mudam tambem incessantemente de forma. São porticos gigantescos, dolmens druidicos, obeliscos, muralhas macissas em que se abrem sombrias portas; tudo isto estremece, agita-se, ondula e transforma-se. Um campanario torna-se uma espada, uma cruz; a cruz toma immediatamente os contornos d'um ser humano.

Eis agora uma fortalesa que se ergue n'uma collina, depois uma vasta planicie semeada d'arvores, mas as arvores somem-se a uma por uma para darem lugar a toda a especie d'animaes, d'ursos, de cães, d'aves, que, passado um momento, cedem o lugar a homens dançando nos ares, saltando do mar para o céo. Assistimos a uma scena magica, em que as mudanças se succedem sem interrupção; julgamos estar olhando por um immenso kaleidescopio, movido continuamente por mão invisivel. Mas de repente o vento sopra, sacode as ondas: o phantasma some-se.

Se, apezar d'algumas horas serenas e d'alguns aspectos pitorescos, o estio é entremeado d'intemperies, o inverno é invariavelmente terrivel. O frio que o sol não combate mais, alcança uma intensidade incrivel. O Thermometro desce ordinariamente a 30 e 35 graus abaixo de zero. Em certas regiões, particularmente no norte da America e nas ilhas que a cercam, não são raros frios de 55 e 58 graus abaixo de 0. O homem supporta esta temperatura com vivos soffrimentos sobretudo quando o ar está agitado.

Quarenta e 50 graus em tempo calmo soffrem-se melhor que 25 e mesmo 20 quando ha vento. Consegue-se resistir abrigando o corpo com espessos fatos de lã ou de pelles, mas certas partes do rosto como o nariz e os labios não se podem cobrir por causa dos vapores que d'elles sahem e que, se fossem retidos por qualquer estofo, congelar-se-hiam immediatamente. O nosso compatriota, o tenente Bellot, que pagou com a vida a sua resolução generosa de compartilhar os perigos da expedição ingleza enviada a procurar nos gelos do archipelago Parry os vestigios de sir John Franklin, conta que aquelles de seus companheiros que tapavam o resto não podiam depois tirar os lenços nem os cache-nez, transformados em açaimos de gelo, em gargantilhas rijas como ferro.

(*Continua*)

E. LESBAZEILLES.

REQUERIMENTO

Ex.mo Sr. ministro do reino. — Diz Eduardo Arvins, professor d'ensino primario em Sever do Vouga, solteiro e sem filhos naturaes mas com o encargo d'uma mãe quasi octogenaria, que não recebe ordenado ha cinco mezes e gratificação ha quatorze.

O requerente sabe, poderoso senhor, pela historia, pela lenda e pela tradição de numerosos e esdruxulos casos de abstinencia extraordinaria e milagrosa— diria, se não receara a inopportunidade da classificação.

Assim:

O capitão Bliglo, do Bountg, navegou perto de quatrocentas milhas com dezesete homens de equipagem não tendo para ellas outro alimento tambem durante dezesete dias alem d'uma pequena ave que pesava algumas onças.

Quatorze naufragos do navio inglez *Junon* viveram vinte e trez dias nas costas d'Arrancan sem tomar alimento algum succumbindo apenas dois ao quinto dia.

Nas margens do Orenoco as tribus otomaks alimentam-se muito frugalmente: durante as cheias sustentam-se da medulla mui seculenta da arvore *mauritie flexuoza* sobre a qual se abrigam e de que tiram tambem o seu apreciado vinho de palmeira. Quando a innundação lhes permitte descer para a terra nutrem-se principalmente de bolas de terra argilosa previamente preparadas.

Isto é de todos sabido e Alexandre Humboldt, que não era nenhum João Fernandes, mostrou a verdade.

Ha ainda o caso de preso do Lisboa esquecido n'uma cadêa abandonada, quando foram removidos os seus companheiros e que ahi se sustentou seis mezes de camandangos e moscas.

E mais o do viajante francez cahido no fosso de umas ruinas de castello alemtejano e que ahi permaneceu não sei quantos mezes e sustentando-se sabe Deus de que, etc. etc.

Esquecia-me fallar do pandego Tanner, um ratão americano d'uma cana.

Não vos cançarei, poderoso senhor, dizendo-vos que resistiram á falta absoluta d'alimento um gato bravo e uma corça vinte dias, uma aguia vinte e oito, um teixugo um mez, e muitos cães trinta e seis dias, etc., etc.; mas como não são creaturas christãs, salvo seja, não servem para comparação, aliás era um nunca acabar.

O requerente é tambem alem d'isso um tanto estoico, mas a sua philosophia impallidece perante a premeditação d'um assassinato lento por inanição. Esta é a verdade.

Mimoso poeta, elegante prosador, v. ex.ª é pelo menos tanto como qualquer dos mais interessados em que o indigena safaro e boçal vá adiquirindo um tal ou qual polimento; se não quem hade perpetuar a gloria do vosso nome, poderoso senhor?...

«D'ora avante não serão os canhões, mas os professores primarios os arbitros dos destinos da Europa.»

Esta sentença é de lord Brongham. Se pela paternidade tem ou não peso, v. ex.ª melhor do que eu o sabe.

N'estes termos, poderoso senhor, e nos mais de justiça e ainda d'equidade—piedade, compaixão e misericordia!

Espera receber mercê.

EDUARDO ARVINS.

CARTAS

Não recebemos carta do nosso estimavel correspondente da capital.

COMMUNICADOS

Sr. redactor.—Se me inserirem, na vossa folha as seguintes linhas, obsequeiam-me, e desde já penhorado agradeço, convencido de que se não esquivem ao primeiro pedido, tanto mais quanto é para sovar um intrujão, um sevandija que apenas serve para disseminar discordias.—Tosquia d'um camelo—No *Povo de Aveiro*, n.º 29, vinha um communicado *A Republica nas Talhadas* assignado por A. R. Pincaro. Padre J. A. T. da Silva entendeu ser por mim forjado, ou ao menos, que eu fornecera o carvão para fazer desenvolver a machina: nem uma, nem outra coisa. A lavoura em que me entretenho, não me dá tempo para isso; mas se désse não escreveria tão pouco; não seria tão moderado. Por isso veio elle na *Soberania do Povo*, com um aranzel, que, pelo que se havia dado entre nós, vi eu dizer-me respeito. Para responder, têem as minhas searas de soffrer; porem sempre lhe segredarei umas coisitas. Padre Zé, conto 45 annos, e até hoje pessoa alguma, com lingua de biltre, bilis damnado, tentou enlamear-me; não por que tenha sido immaculado; abundam em mim faltas, bem sei; mas todos hão tido commiseração para comigo. Bem hajam. Tu, porem, como tiveste a petulancia d'arguir-me officiosamente, ouve o que vou dizer: Já arrecadaste, empenhaste ou vendeste o bandolim, com que em Agosto p. passado entraste em Adosferreiros, em dia de festa, tocando e cantando modinhas de fado? Já então eras padreca. Quem tem telhas de vidro, não atira ás do visinho. Tambem lá dançaste? E que bonitas não eram as valsas e as contradanças! Eu pela minha parte já mais tive isso por peccado por que o livro dos padres—a Biblia—em muitas partes mostra, que a cantar, balsar e tocar se louva ao Senhor. Nem eu n'isto fallava, se me não dezafiasses, e quasi que intimasses o ex.mo vigario geral a investigar. Corrida está esta lebre. Vamos adiante. Fallo e tenho fallado em Republica; cada um come do que gosta, se o tem: são essas as minhas ideas, hei de matar-me por isso?! Ora babau, Zé-Zé!? Mas, nem por isso menos respeito a religião, que professamos. A religião como a philantropia é cosmopolita, amalgama-se a todas as formas de governo. Porem tu é que não tens religião; por que a tel-a não subias ao pulpito a praguejar contra um partido, que o seculo hoje comporta, sendo só eu aqui quem partilha e adopta essas ideas, sabendo, que todos entendiam que te dirigias a mim. Fizestel-o de proposito. Mas o escandalo que causaste? Aonde está a tua caridade, e por tanto a religião de que tanto blasonas, que defendes? *Fides sine operibus mortua est.* Sabes o que com isso fizeste? Foi alcançar eu alguns osseclos. Bem hajas. E olha tu, que na segunda sermonêta, em que chamaste aos Republicanos impios—malvados etc.; até mulheres estiveram levantadas na Egreja para dar vivas á Republica. E vê que não eram por mim instigadas, porque estava então em Pinheiro, 12 kilometos de distancia. Quem era o culpado d'esse escandalo? Hein? Que te parece?! Chamei a isso sermoneta e não sermão, por que devendo este rescender todo a moral—virtude e sanctidade, só cheirava a improperios—atuardas e outras cousas de tua lavra; não miravas a sã doutrina, só attentavas ao dinheiro, que percebia, prégando como na festividade da Macida doutrina, que os theologos reprovam e a egreja condemnou. Alli admittiste tu a predistinação. Não vias que tornavas o homem um ser irracional, roubando-lhe o que elle tem de mais sagrado. Sem liberdade, onde pára a moralidade, a imputação de suas acções? E com effeito que sem ella fazia bonita figura na sociedade! Para me desmentir, metamoforsêa esse discurso. Mas, como diz o honrado Ferreira, olha cá uma coisa, sempre te quero dizer uma cousa, as pessoas, com quem tenho tratado, jamais me acharam em mentira, ainda mesmo que ella me seja muito util; por isso... a esse o podes tu fazer; mas não a essa outra sermoneta, que deu logar ao Communicado do n.º 29, em que tu invocando o SS. Sacramento proferiste: e tu ó Deus, onde quer que estás etc. Bonita frase, para quem quer passar por exemplar orador evangelico!? Que tu és bom orador até em Cedrim se sabe, por que lá fizeste um bom sermão, quando te arrosgaste o direito de prègar só pelo facto de seres o capelão das missas terceiras, embora ficasse preterido o padre, que os mordomos convidaram: todavia não compensou o escandalo, recusando-te a cantares a missa; se não prégasses. E è bonito, decente, um padre, sem necessidade, desparamentar-se no meio da missa, para ir prégar! Sim senhor! Os acolitos ali ficam boquiabertos como ovelhas sem pastor nem redil! hum! hum! *Ó sacra fames auri...* Para que disseste, na sermoneta, em que fallaste das esmolas da freguezia, que era um roubo a applicação do dinheiro das bullas para a ordenação d'um filho familia abastado, se ainda havia pouco tempo, que a alguem tinhas dito que melhor elle teria feito empregando o dinheiro em vinho do que em bullas! Que se espelhe e reveja o ex.mo sr. vigario geral n'este exemplar padre. Appelo para o sr. vigario geral, por que... fan como te fan... Ah! bem sei, atuardas, com que brindavas o inoffensivo Monteiro. Incoherente! Não eram decorridos 8 dias, que tinhas publicado que as suas circumstancias pecuniarias não eram boas. Bem. Vamos ao meu trago. Desde que pude tive dois ternos de roupa—um para trazer por casa e lavoura, e outro mais limpo, mas não de tal luxo, que, para dançar ou cantar me seja preciso despir: muito menos o outro que é uma serguilheta, que mandei fabricar em casa, por que não são tantos os meus reditos que possa vestir sempre de preço. Assim mesmo, meu Zé, se só me entretivesse em caçar os pintainhos dos visinhos, em louzas, apezar dos poucos cobres, pimparia como tu: porem antes quero a minha serguilha honrada do que cães a latir-me das portas dos logistas, sapateiros, alfaiates, condiscipulos etc. Agora duas palavras ao amigo redactor e correligionario, e tu Zé, descança, refocilate das insomnias, que passaste a engendrar aquelle bom portuguez grammatical do teu communicado. Fica porem sabendo, que é de Belchior o meu armazem, e ainda repleto de sapos, salamandras, centopeas e todo bicho careta que a tua generosidade nos ha dispensado. Como os Satyros, nús a cambalear por sobre odres ha de metter graça essa vicharia a dar trombadas na sala, ovos, dinheiros dos parceiros, pasquins e outras *muchas cousas más.*

Nhônhô Zé adeus.

Caros amigos desculpem-me em vos envolver n'este embroglio. Eu apenas vos quero certificar, que sou Republicano de gema. Nasci do povo e pelo povo quero morrer. O feudalismo deve de acabar d'uma vez para sempre. O povo soffria e não havia quem lhe ministrasse uma sede d'agua. Era d'estalar o coração de dôr! Hoje deve de estar satisfeito. Felizmente, nasceu quem d'elle se condoesse. Bem vindos sejam. N'estas urzes tambem ha democratas. Eu o sou devido aos vossos escriptos, e a um facto, que presenciei. Um dia vi eu as avelhas perseguir até matar outras de diversa especie, os Zangãos. Reparei n'aquillo, reflecti, e comecei a comparar uma Nação a um cortiço d'avelhas. Não sei se seria boa a comparação; não pôde mais o meu bestunto. As avelhas matavam os 2 zangãos, que só serviam para chupar o mel que ellas com sacrificio colhiam, e tinham razão. O povo soffre jubilações, soffre reformas, aposentações e outras comedeiras quejandas. Appliquem para si a maxima das avelhas. Pela nossa parte devemos congratular-nos, por termos contribuido segundo nossas forças para o libertar d'esse jugo ignominioso, e por vermos fructificar a sã doutrina, que temos desseminado. Não desanimemos, que as gerações futuras, quando não as presentes, nos bemdirão. Adeus; vosso cordeal amigo.

Vide 18 de Agosto de 1882.

F. J. O. F.

Sr. redactor.—Permitta-me v. a publicação d'estas poucas linhas no seu acreditado jornal.

O sr. José Eliziario Ferraz, chefe da estação d'esta cidade, maltratou indigramente uma pobre mulher que frequenta diariamente a estação sem motivo serio e justo que autorisasse similhante procedimento. Sr. redactor, nós já não estamos n'um tempo em que seja permittido a quem quer que fôr bater n'uma pessoa e muito menos n'uma mulher inoffensiva; e então apenas por umas leves indisposições, que nem por sombras implicaram com aquelle senhor. É realmente duro ver maltratar inconvenientemente uma mulher d'uma maneira impropria e deshonrosa.

O sr. Ferraz se quer evitar, como é do seu dever, que se deem alguns factos menos regulares para que não

---

decer ao nosso mestre os seus quarenta annos de bons serviços, e de prestar uma homenagem á patria, que se ia embora.

Estava fazendo estas reflexões quando ouvi pronunciar o meu nome. Pertenciame a vez de responder. Quanto não teria dado para poder dizer bem a famosa regra dos participios, muito alto, muito claro, sem uma falta! mas embrulhei-me ás primeiras palavras e fiquei em pé a balançarme, com o coração afflicto, sem ousar erguer a cabeça. Ouvia o sr. Hamel que dizia:

«Não te ralharei, Frantz, deves estar bem castigado. Vê o que succedêu. Todos os dias se dizia: Ora, tenho tempo. Aprenderei amanhã. Pois ahi tens o resultado... Ah! a grande desgraça da nossa querida Alsacia foi sempre esperar pelo dia d'amanhã. Agora esses homens estão no direito de nos dizer:—Como! Quereis ser francezes e nem sequer sabeis fallar e escrever a vossa lingua!... Em tudo isto, meu pobre Frantz, ainda não és tu o mais culpado. Tivemos todos a culpa.

«Os vossos paes não se importavam muito com a instrucção. Gostavam mais de vos mandar trabalhar para a terra ou na fiação para d'esse modo adquirirem alguns vintens.

E eu mesmo não tenho de que me censurar? Não vos mandei muitas vezes regar o jardim em lugar de trabalhar? E quando eu queria ir ás trutas importava-me comvosco?..»

Passando então d'uma cousa para a outra o sr. Hamel poz-se-nos a fallar da lingua franceza, dizendo que era a mais bella lingua do mundo, a mais clara, a mais solida, que era preciso conserva-la entre nós e nunca a esquecer, porque quando um povo cahe escravo, se conservar a sua lingua, conserva a chave da sua prisão. Pegando em seguida n'uma grammatica leu-nos a lição. Eu estava admiradissimo de ver como agora a comprehendia. Tudo o que elle dizia me parecia facil, muito facil. Tambem me pareceu que nunca a tinha ouvido com tanta attenção e que o mestre nunca a tinha explicado com tanta paciencia. Dir-se-hia que o pobre homem nos queria deixar todo o seu saber antes de s'ir embora, mette-lo na cabeça da gente por uma só vez.

Acabada a lição passámos á escripta. O sr. Hamel tinha-nos preparado para esse dia novos exemplos em que apparecia sempre em bella letra redonda: «França, Alsacia, França Alsacia.» Não passavamos d'ahi. Era como as pequeninas bandeiras suspensas das estantes, que flutuavam constantemente em volta de nós.

O silencio era profundo, todos prestavam minuciosa attenção. Só se sentia o ruido das pennas sobre o papel. De quando em quando ouvia se o zumbido dos besouros que perpassavam na sala, sem nos conseguirem distrahir, nem mesmo aos mais pequenitos que se aplicavam a traçar riscos, com uma vontade, uma consciencia, como se aquillo fosse francez... No telhado da escola arrulhavam os pombos baixinho e eu dizia comigo escutando-os:

«Serão os prussianos capazes de obrigar tambem aquelles a cantar em allemão.» De tempos a tempos, quando erguia os olhos de cima do livro, via o sr. Hamel immovel na sua cadeira fixando os objectos que o cercavam como se quizesse arrebatar com a vista a sua pequenina casa escolar... Bom homem! Ha quarenta annos que occupava alli o mesmo lugar, com o seu pateo em frente, a sua classe sempre egual. Somente os bancos e as estantes estavam mais polidas, gastas pelo uso; as nogueiras do pateo tinham crescido e o lupulo que elle proprio plantara engrinaldava agora as janellas até cima. Que desgosto profundo para aquelle pobre homem deixar todas estas cousas e estar sentindo a irmã a andar d'um lado para o outro no aposento superior, na azafama de arranjar as mallas! Porque elles tinham de partir no dia seguinte, sahir d'um paiz para o outro.

Apezar de tudo teve a coragem d'assistir á aula até ao fim. Depois das escriptas tivemos lição d'historia e em seguida os pequenitos disseram em côro o BA, BE, BI, BO, BU.

Lá em baixo, ao fundo da sala, o velho Hauser tinha posto as lunetas e segurando o abecedario com as duas mãos lia alto as letras com elles. Via-se que o velhote tambem se applicava; a sua voz tremia de emoção e era tão divertido ouvi-lo que estavamos todos com vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Ah! como eu me lembrarei sempre d'esta ultima lição!

De repente o relogio da egreja deu meio dia, depois ouviram se as Ave-Marias. Na mesma occasião retumbaram debaixo das janellas as cornetas dos Prussianos que vinham do exercicio. O sr. Hamel levantou-se da cadeira, muito palido. Nunca me parecera tão magestoso.

«Meus amigos, disse elle, meus amigos, eu... eu...»

Suffocou-se, não poude terminar a phrase.

Então pegou n'um bocado de giz e fazendo um esforço sobre si arrastou-se até á pedra onde escreveu em grandes letras:

«VIVA A FRANÇA»

E ficou alli, a cabeça appoiada, a face escondida, sem fallar, com a mão estendida fazendo um gesto que queria dizer:

«Acabou-se tudo... ide-vos embora.»

ALPHONSE DAUDET.

tem um empregado junto ás portas das salas?

Nada, isto não vae assim. Se o sr. Ferraz quer bater, lembre-se que o tempo do cacete já passou mas não injurie d'um modo tão feio e penoso uma pobre mulher que anda a tratar da sua vida.

Ao sr. Director Geral da Companhia pedimos providencias para que se não repitam d'estes e d'outros factos identicos.

Aveiro 31 de Agosto de 1882.

G. C.

Um padre como ha muitos

Dos jornaes francezes chegados esta semana tirámos a seguinte noticia, que é curiosa.

« O tribunal d'Ajaccio julga n'este momento uma mulher chamada Celine Varnier, amante d'um senhor Monteil, parocho de Hesdin-l'Abbé (Pas de Calais.)

A tal Celine Varnier é accusada de ter assasinado uma professora, Eugenia Jude, como o foi de se apropriar de 20:000 francos, fortuna da desgraçada victima. Esse dinheiro éra subtrahido, por combinação entre o padre e a amante, para os dois irem gozar no estrangeiro.

O cura evadiu-se, e é essa a razão porque a amante se apresenta sósinha perante o tribunal. Eis os factos taes como os refere a accusação:

« No anno de 1880 foi nomeada professora publica em Hesdin-l'Abbé, districto de Boulogne-surller, a demoiselle. Eugenia Jude. Como fosse muito dada a praticas relijiosas não tardou em tomar conhecimento com o cura da localidade, o abbade Monteil, que vivia com uma mulher, a ré Maria Luisa Celine Varnier que elle apresentou a Jude como sua irmã. Segundo as informações officiaes a tal supposta *irmã* do padre era uma miseravel que ha dez annos abandonara o marido e um filho para se entregar á pouca vergonha. Já tinha acompanhado o abbade ao Canadá, d'onde voltaram para Hesdin-l'Abbé.

Eugenia Jude possuia uma modesta fortuna de 20:000 francos (3:700$ reis) em bens moveis. O abbade Monteil e Celine Varnier resolveram explorar-lhe os sentimentos religiosos para se lhe apoderarem da furtuna.

A professora estava vivamente impressionada com a execução dos decretos contra as congregações religiosas não autorisadas. Persuadiram-na habilmente de que os proprios padres estavam ameaçados de perseguições, e que para se lhe subtrahirem só havia o recurso do refugio em paiz estranho. Lançaram os olhos para a Corsega, onde, diziam elles, poderiam viver todos tres, tranquillos, felizes, independentes, porque o clerigo era lá respeitado.

A perspectiva era bella e capaz de seduzir um espirito fraco, timido, supersticioso como o de Eugenia Jude, que se deixou cahir no laço. Combinou com o padre comprarem uma casa na Corsega, que pagariam em partes eguaes, ficando em nome dos dois e entregou-lhe logo 13:294 francos, dando ao mesmo tempo parte á familia da sua mudança de residencia, mas tendo o cuidado de lhe occultar o lugar onde ia residir. Feitas estas combinações partiu Celine Varnier para Ajaccio, com o fim de comprar a casa, o que fez por 27:800 francos, mas não mencionando na escriptura de compra o nome de Eugenia Jude.

De volta a Hesdin-l'Abbé annunciou a Jude a compra da casa por 35:000 francos, resolvendo-a d'accordo com o padre a entregar a este o resto do dinheiro que possuia. Em seguida partiram para Ajaccio, promettendo-lhes o padreca ir lá ter.

Installadas na nova habitação sob a falsa apparencia de primos, começaram as desintelligencias. Varnier tratava a outra mal, não a deixava sahir, dava-lhe pancadas e um dia disse-lhe que a casa só era do padreca.

Jude interrugou a tal respeito o tabellião, que a informou da verdade. Só então a pobre professora comprehendeu tudo. O padre entretanto não apparecia e a amante instigava-a a fazer-lhe testamento.

A 27 d'Outubro Jude, resolvida a fugir, convencida já do logro, sahiu de casa e telegraphou para um thio, pediudo-lhe 400 francos para a viagem. Voltou a casa fazer os preparativos de viagem, mas quando a resposta do thio chegou já Jude não existia. O cadaver da desgraçada foi encontrado no dia seguinte (28) de costas em cima da cama, indecentemente descomposto. A cabeça estava aberta com golpes feitos por instrumento cortante. Todas as suspeitas recahiram sobre Celine Varnier, que foi presa e processada. O padre não poude ser apanhado. Expatriou-se.

O julgamento teve lugar um d'estes dias. O jury provou o crime sem a aggravante de premeditação e com mais algumas circumstancias attenuantes. A *mulher do padre* foi condemnada a 20 annos de trabalhos publicos. Quando ouviu ler a sentença deu um grito e desmaiou.»

Coitada, outra a quem a guilhotina fez falta.

E o padre, aquelle malandro do padre! Ha por ahi tantos como elle!

O papel regenerador da localidade não cessa d'insultar a França e os republicanos. O *sabio* meteu os pés por as mãos n'um artigo editorial do seu penultimo numero, e pretendeu arranhar a republica franceza por ella não se quer emvolver em guerras d'aventuras, e pôr a felicidade e socego do povo francez acima de todos os sordidos egoismos de facções. Para o *sabio* só ha um unico regimem salvador — a Monarchia.

Ora eis aqui como um jornal independente de Paris — *L'Opinion* compara a Republica e a Monarchia no seu numero de 4 de Setembro.

« Ha douze annos o Imperio escangalhara-se, proclamava-se a Republica em França pela terceira vez. Vinha salvar a honra d'um paiz entregue de pés e mãos ligadas ao invasor.

Depois da guerra da Prussia, da capitulação vergonhosa de Seden e de Metz, da traição d'um Bonaparte e d'um Bazaine; depois da invasão e do desmembramento da patria tinhamos juz a esperar que os bonapartistas não ussassem mais fallar como senhores e tivessem curvado a cabeça perante os seus dilictos e os seus crimes. Inverteram-se os papeis, elles fallaram como juizes.

Esses malandrins tentaram calumniar e ultrajar os republicanos valentes, os patriotas da Defesa Nacional. Avaliando-os por si accusaram-nos de se terem enriquecido á custa da França envadida e roubada. Repetiram a accusação miseravel até ao ultimo instante. Mas mais tarde, quando chegou a hora da explicações, na apuração definiva das contas da guerra de 1870, os bonapartistas calaram-se prudentemente e nem um unico tomou a palavra perante os representantes do paiz...

Mais recentemente, presenciamos as tentativas de reuniões, realisadas pelos ultimos partidarios do regimen cahido na lama ensanguentada de Sedan. Nos jantares de 15 d'Agosto, os srs. Cassagnac et Amigues apresentaram o seu principe Victor ao paiz, ao passo que o sr. Cuneo d'Ornane e os seus amigos de la Charente apresentavam no mesmo dia o seu principe Napolião. «O Imperio está feito» gritaram os partidarios de Victor e de Jeronymo.

«O Imperio está feito» respondeu-lhes o echo zombeteiro. Como não ha d'estar elle feito quando a guerra intestina lavra no campo dos bonapartistas, quando uns pucham pelas pernas do pae e os outros pela cabeça do filho? Como não ha de estar elle feito quando as ultimas folhas que restam aos bonapartistas mendigam, estendendo nas ruas a mão aos que passam?

E ousam propôr-nos um plebiscito que traria o imperio, segundo dizem, quando as derrotas eleitoraes dos srs. Rouher, Haussman, Nuglé, Canivet e muitos outros são outras tantas manifestações em favor do anniversario que celebramos hoje (proclamação da republica). Oh sim! o paiz lembra-se da queda terrivel do imperio no abysmo da invasão, pensa nos desastres sem precedentes na historia que esse abominavel governo nos causou, n'esta occasião em que instruido pelas lições do passado, desconfiado e prodente, educado na escola da desgraça recusa metter-se em aventuras perigosas e queimar polvora contra os egypcios!

Agora, que não estão em jogo a sua honra e a sua dignidade, prefere retrahir-se e esperar. Olha menos para o Cairo que para a abertura dos Vosges. Tem ainda muito que trabalhar na continuação da obra de 4 de Setembro — A DEFEZA NACIONAL.

O invasor passou a fronteira, e a Republica, depois da bancarota do Imperio, arranjou bastante dinheiro para pagar o resgate d'um grande e desgraçado paiz ludibriado; mas, apesar d'isso precisamos não esquecer que o *virus* allemão pretende installar-se de novo entre nós.

Sabemos bem que se tornou impossivel a volta do regimen amaldiçoado cahido em 4 de Setembro, porem, ainda subsiste parte do mal que ella causou. Reparemos esse mal na medida das nossas forças e sejamos patriotas em face da apatria ainda desmembrada.»

Esta é que é a unica linguagem que a imprensa digna e seria deve fallar ás nações, linguagem que os syndicateiros de cá ignoram completamente. A França deu um passo magnifico abstendo-se da desgraçada questão do Egypto. No principio, quando as primeiras impressões sobrelevavam, ainda houve quem a censurasse; hoje a imprensa estrangeira, a mais monarchica façanhuda, é unanime em louvar o procedimento da França que conseguiu com a sua prudencia e reserva evitar grandes conflictos e affastar decima de si as difficuldades terriveis que embaraçam a Inglaterra.

Não escrevemos isto para o *Districto*, cujo pedantismo ignorante despresamos; escrevemo-lo para os mesmos a quem certas sandices possam perturbar o espirito.

Na florescente Republica dos Estados-Unidos ha actualmente nada menos de 200:000 escolas primarias frequentadas por 10:000:000 de creanças, cujo professorado se eleva a 300:000 individuos. Em o nosso paiz os professores primarios mal ganham para o sustento diario, recebendo elles todos ainda menos de metade do que aquillo que o rei recebe da nação. N'aquella resplandecente Republica, que tem para cima de quarenta milhões de homens livres, o seu presidente recebe apenas annualmente 19:800$000 réis; emquanto que com a instrucção do povo gasta ella todos os annos a enorme quantia **noventa mil contos de rs.**

Em Portugal, srs. *panelleiros* monarchicos, apenas a decima parte da população sabe ler! Em face d'esta eloquente estatistica, que vos confunde compromette e desconceitua, continuae ainda a berrar como uns endiabrados idiotas, que a monarchia é alma das nações e a vida dos povos. Isto é imfacto. Desviem os olhos d'elle se por ventura ainda vos peza na consciencia.

Bellezas das touradas.

Em duas que se realisaram em Badajoz em meiados do mez d'Agosto morreram 29 cavallos.

N'outras duas touradas que se effectuaram no mez passado em Caceres ficaram tambem mortos na arena nada menos de 19 cavallos.

Estes hespanhoes só mandal-os de presente ao diabo.

Recebemos o n.º 3 do jornal *A Ideia Nova*, folha semanal que encetou ha dias a sua publicação em Vizeu. É mais um novo campeão da democracia, que veio collocar-se na vanguarda dos grandes batalhadores pela causa do povo, do progresso e da republica.

Ao collega desejamos a mais prospera e gloriosa existencia.

O eminente estadista republicano Salmeron, que d'esde a ultima restauração monarchica permanecia emigrado em Paris, deliberou regressar a Madrid em outubro proximo.

Os professores primarios de Sever do Vouga, não recebem os seus ordenados ha cerca de cinco mezes.

Isto já é de mais. Todos os dias estamos a registrar casos identicos; mas o governo do rei que só tem dinheiro para pagar as funçanatas dos salamanqueiros, os *vivorios* dos gaiatos e os compromissos escandalosos, não paga nem obriga a pagar os respectivos ordenados aos mais uteis e benemeritos servidores dopaiz. É inutil reclamar provendios. Dá-se dinheiro a tanto marmanjo que o não merece e só o professorado primario despresa-se e tracta-se como um rafeiro desgarrado. Ah! srs. monarchicos, julgam que d'este modo poderão acabar com a instrucção em o nosso paiz, mas tal não succederá. A iniciativa particular hade fazer alguma cousa por si a bem da instrucção, quer os governos queiram quer não queiram. Ás vossas miserias e ao vosso escarneo estamos convencidos que ella sabera impor-se condignamente e com utilidade.

No Cartaxo acaba de fundar-se um centro republicano. Os srs. monarchicos que teimem ainda em affirmar que no paiz não ha republicanos, quando os centros se installam e multiplicam por toda a parte.

É ter paciencia.

Vae-se fundar um hospital em Oliveira d'Azemeis. Para este fim já houve a primeira reunião na casa da camara. Bem hajam os benemeritos emprehendedores d'uma ideia tão louvavel.

O matadouro publico está n'um estado deploravel, nogento, desgraçadissimo e improprio d'uma cidade. A camara ainda se não deu ao trabalho de olhar para aquella espelunca, que é uma das porcarias mais detestaveis que é preciso remover e transformar convenientemente, para que de algum modo haja limpeza, decencia, aceio e commodidade. O que está é pessimo e insupportavel. Não é porque o rendimento que o matadouro dá para o municipio seja tão insignificante que não justifique as obras necessarias de que elle carece. Nada d'isso; tem dias em que rende quantia superior a 4$500 réis; e o rendimento annual é approximadamente de 350$000 réis. Pois apezar dos lucros que d'ahi a camara absorve, ainda não houve nenhuma vereação digna que se compenetrasse das condições impossiveis do matadouro. Esperamos que o sr. presidente da camara, que ainda assim é o unico dos vereadores de quem temos a esperar alguma iniciativa e alguns melhoramentos locaes, mas que quasi nada tem feito, visite aquelle covil de immundices para se poder certificar e convencer da urgencia que ha em proceder a reparos, de modo que o matadouro não continue a permanecer por mais tempo n'um estado vergonhoso que verdadeiramente enoja.

O sr. Arthur Ravara, perdão, o sr. administrador do concelho, dando largas a toda a sua actividade reformadora e policial, principiou agora a revistar pesos e balanças. É bom, e consta-nos que algum resultado tem tirado das suas pesquisas. Comtudo occorre-nos fazer a este respeito uma pergunta a s. ex.ª: Qualquer pessoa não poderá ter em sua casa pesos e balanças não aferidos, não se servindo d'estes objectos para vender ou comprar?

Diz o *Codigo Penal*, art.º 456º:

«Os pesos e medidas não aferidos ou que a lei não auctorisa, são considerados falsos, devem ser apprehendidos e multados e os que d'elles usarem punidos com as penas de prisão e multa de um mez a um anno, e a simples achada de pesos falsos em lojas, armazens ou casas de venda é motivo para a multa de rs, 1$000 a 5$000.»

Comprehende-se facilmente que isto se refere ao uso que d'estes instrumentos se fizer. S. ex.ª entendeu que devia multar a possuidora d'uns pesos e balanças que tinha em sua casa, casa em que se não vende cousa alguma a peso, nem compra, como s. ex.ª de certo não ignora. Isto faz perceber que, logo que um cidadão se deixe de negocio em que figurem pesos, deve deitar á rua os citados pesos.

Objectando-lhe se se poderiam apprehender uns pesos que s. ex.ª tivesse em sua casa, respondeu que a sua casa era particular. Ora nós suppomos que uma casa qualquer, onde existem uns pesos não aferidos, uma pedra mesmo que sirva de peso para uso caseiro, muito *particular*, quando n'essa casa se não vende nem compra cousa alguma a peso, é a este respeito uma casa tão particular como a de s.ex.ª

Disse s. ex.ª que não apprehendeu n'outro estabelecimento umas medidas não aferidas, porque a possuidora, *que media por ellas ao publico*, lhe declarou que não era agora ocasião de aferir medidas. Disse mais que não tinha multado esta por *equidade*, e que havia multado a possuidora das arrobás ferrugentas *que ha bons vinte annos não pesam nada para o publico* por *justiça*. Não percebemos, e palavra de honra que fizemos bem por perceber.

S. ex.ª affirma que principiou multando os seus parentes, o que nós acreditamos piamente, e não fariamos este pequeno reparo se assim como está decretada a infalibilidade para o para o estivesse tambem para os administradores do concelho.

Quando em Roma Marco Antonio, Lépido e Octavio formáram o segundo truimvirato, principiaram as proscripções pelos seus mais proximos parentes ou amigos, para assim desculparem, com apparencias de rectidão, suas infamissimas vinganças. O ardil de nada serviu e a historia aponta-os como infames apesar do ultimo fazer, em parte, esquecer os seus crimes pela sua boa administração.

Actualmente em Portugal dá-se um facto identico, com uma differença, e vem a ser: «Em vez de truimvirato, ha dictadura; em vez de proscripções ha extorsões, mas a administração não fará esquecer as extorsões, nunca.

A lembrança que teve a camara municipal de aforar a alameda de S. Sebastião foi realmente uma lembrança desgraçada e contra-producente. Quando pela primeira vez ouvimos fallar em tal projecto, nos supposemos em a nossa boa fé, que se ia tratar de promover o aformoseamento d'aquelle local, levantando predios regulares ou pelo menos decentes. Agora desenganamo-nos profundamente á vista das *cazinholas* réles e das construcções caricatas de madeira, que de certo abonam o pouco criterio de quem consentiu taes edificios e taes disparates.

Se queriam fazer o que fizeram deixassem então estar o que estava, que era muito mais digno, rasoavel e decente. O que se não pode tolerar é que se fossem arrancar umas arvores, que pela sua antiguidade e magestade eram talvez mais dignas de respeito do que o toleirão desalmado que as mandou mutilar. Os srs. vereadores, quando para a outra vez estiverem em vesperas de autorisar d'estas barbaridades, que pensem primeiramente no caso para *não darem com os burros na agua*.

Na noute de domingo, cerca das 11 horas e meia, quatro individos tentaram penetrar em casa do sr. administrador do conselho por uma das portas que dá para o jardim. Uma creada, que presentiu barulho, chamou immediatamente por soccorro e os meliantes evadiram-se.

Partiu para Madrid e d'ahi seguirá para o Egypto em viagem de recreio o nosso distincto correligionario, o sr. Carlos Faria e Mello.

Já regressou a esta cidade o nosso amigo e patricio Jayme Magalhães Lima, depois de quatro mezes de ausencia em excursão pela França, Hespanha, Italia, Allemanha, Belgica e Suissa.

Partiu na segunda-feira para a Barra o nosso distincto amigo o sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla, dignissimo capitão do Porto, em companhia de s. ex.ma familia.

ANNUNCIOS

AGENCIA DE ENCOMMENDAS
DE
PORTUGAL E BRAZIL
Proprietario—Francisco Nunes Collares
COMMISSÕES DIMINUTAS
18, Rua da Atalaya, 18
LISBOA

GRANDE SUCCESSO

A FAVORITA DE BOU-AMENA
O MAIS DRAMATICO DOS ROMANCES CONTEMPORANEOS
POR
LOUIZ D'ARENE
Versão de Augusto José Vieira
Folhas de 8 pag. 10 rs.—
Estampas a 10 rs.

O enredo d'este magnifico romance, todo palpitante de interesse, desenvolve-se nos nossos dias; os personagens, pela maior parte ainda existentes, reconhecem-se perfeitamente.

A *Favorita de Bou-Amema*, deve pois obter um exito sem precedentes na historia do folhetim contemporaneo.

O auctor teve o feliz arrojo de descobrir, primeiro do que ninguem, as velhacarias e traições de um homem, que occupando outr'ora uma das mais altas posições, está actualmente marcado para sempre pelo ferrete infamente da vergonha.

Um dos principaes assumptos d'esta publicação, é as conspirações Bonapartistas contra a Republica Franceza, as tramas com a Allemanha, com a Italia, com o Bey de Tunis, com Bou-Amena etc., etc.

No 2.º capitulo d'esta interessante obra, apresenta o seu auctor marechal Bazaine entregue, aos seus projectos de traição á patria.

Luiz d'Aréne soube, ao mesmo tempo, crear heroes sympathicos cuja existencia arrojada e aventureira prevarava as peripecias mais commoventes.

Os leitores encontrarão n'esta obra os effeitos dos ardis de duas mulheres guiadas por paixões contrarias, o amor e o odio: uma perseguindo sem descanço a realisação do seu ideal, e a outra a destruição e a ruina da sua patria.

ATTENÇÃO

Fernando Homem Christo, com loja de carpinteiro na rua d'alfandega, toma encommendas de carpintaria, constando de portas e janellas e outras construcções n'este genero, para o que tem excellentes madeiras e por preços muito commodos.

A MARSELHEZA
Em francez e portuguez

Um folheto de 8 paginas, com uma gravura, preço 20 reis. Vende-se—no Porto, kiosque da Praça de D. Pedro,—em Coimbra, na loja do sr. João Correia d'Almeida.—Pedidos da provincia, a J. B. Rua da Mouraria, 87, Lisboa.—

Precisam-se agentes na provincia.

CONSELHEIRO DO POVO

Manual Pratico dos cidadãos portuguezes para cada um se dirigir e requerer por si, sem dependencia de procuradores, nos tribunaes e repartições publicas, segundo as leis do Reino.

Sahiu á luz o 3.º fasciculo d'esta interessante publicação.

Acha-se á venda no kiosque do Rocio (lado norte).

Custa apenas 120 rs.

MACHINAS LIGITIMAS
SINGER

Chegou ao deposito da Companhia Fabril Singer na rua de José Estevão d'esta cidade um novo e variado sortimento de suas machinas de costura, com novos melhoramentos e por preços convidativos.

Tem apparecido por ahi algumas machinas a imitarem as verdadeiras do Singer. É preciso reparar bem na sua marca e ver se são legitimas.

N'esta cidade só se vendem na Companhia Fabril Singer na rua de José Estevão 75 a 79 e em Ovar na Praça.

FONSECA
33—FEIRA DE S. BENTO—35

1.635
Sorte grande vendida n'esta casa

Loteria de hoje 1 de Setembro de 1882.

1.635	Fonseca em cautellas	6.000$000
3.457	» » »	300$000
2.719	» » »	200$000
1.010	» » »	100$000
2.075	» bilhete »	100$000
3.672	» » »	100$000
1.600	» cautellas »	100$000

O CAMBISTA

Antonio Ignacio da Fonseca.

DOMINGOS LUIZ VALLENTE D'ALMEIDA
COM
OFFICINA DE SERRALHARIA
EM
AVEIRO

FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, feichos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro, fugões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, páus ferrados proprios para banhos e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.

SINGER!
GRANDE BAIXA DE PREÇOS
nas machinas da Companhia Fabril
SINGER
—Rua de José Estevão, 26 e 28—

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de machinas ligitimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a praso.

Grande abatimento nas vendas a prompto pagamento.

Em todas as machinas vendidas a praso dispensa-se a prestação de entrada, sendo o seu pagamento feito a **500 reis semanaes**

Todos os pedidos devem ser feitos a JOÃO DA SILVA SANTOS, na rua de José Estevão, 26 e 28.

João da Silva Santos
AVEIRO

NOVO ESTABELECIMENTO
DE
Crystaes, mobilia e mercearia
DE
JOSÉ MARIA DOS SANTOS
RUA DIREITA
AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidraça branca e de côr, molduras douradas e pretas, galerias, paters, stores, transparentes, copos, calix, garrafas, jarras, espelhos, candieiros e seus pertences.

O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

ALMANACH
DO
PAE ARROBAS
Para 1883

Contem: Kalendario—Tabellas—Juizo do anno—Casamento do sr. Fontes—A salamancada—A morte da hydra—Arrobas é bruto!—Requerimento dos estudantes de medicina—Doidices—Regulamento para a policia—Antipathias—A campanha dos archotes—A mana do magistrado—Arrobas fazia versos—Tres espiões—Diz-se.. etc., etc., etc.

Está á venda no Porto, Kiosque da Praça de D. Pedro. Pedidos a J. B., Rua da Mouraria 87, Lisboa.

Preço 50 reis

SINGER! SINGER!

Machinas para coser, a prestações de 500 réis semanaes

Machinas para coser com 10 por cento menos, a prompto pagamento

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mundo conhece e que nunca tiveram rival

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—Rua de José estevão—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO

FILIAL

52—LARGO DA PRAÇA—53

OVAR

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS QUE SE DARÃO GRATIS

Vende-se algodões, torçaes, agulhas, oleo e peças soltas preços baratissim

DECLARAÇÃO

Narciso Ferreira de Sousa, filho de Jeronymo Ferreira de Sousa, natural d'Aveiro, declara para todos os effeitos, que desde 1878 se assigna Narciso Feio, prestando assim justa homenagem á memoria de seu nunca esquecido padrinho, Luiz Cazimiro Feio.

Lisboa 1 de Setembro de 1882

Narciso Feio.

AGENCIA DA PROVINCIA

Proprietario: = Amorim & Companhia: =Escriptorio antigo Correio Geral 2—3.º

LISBOA

Esta agencia encarrega-se de tratar de prompto e mediante pequena commissão de:

Negocios forenses, exclarecimentos cobre collegios e casas de educação, certidões de exames, casamentos, matriculas, passaportes, etc. etc.

De comprar, mediante commissão modica, livros e obras dramaticas, musicas, machinas de costura, machinas e utensilios agricolas, artigos de modas, fazendas para vestuario, mobilia, pianos, objectos de ouro ou prata etc. etc.

Envia amostras e figurinos pelo correio.

Promove asignaturas e annuncios para todos os jornaes de provincia.

Encarrega-se de assignaturas e annuncios para todos os jornaes nacionaes e estrangeiros. Envia specimens dos mesmos.

Fornece informações pelo correio ou telegrapho sobre qualquer pretenção dos tribunaes, cartorios, secretarias de estado, etc etc.

Recebe encommendas de vestidos, fatos para homem, calçado, etc etc. Encarrega-se de pôr á moda qualquer vestido ou chapeu antigo.

Tudo com a maxima brevidade e por preços resumidos.

Promove a venda em Lisboa de cereaes, vinhos, e outros quaesquer productos agricolas.

Dão-se referencias de credito. Para mais esclarecimentos, dirigir-se a

AGENCIA DA PROVINCIA
ANTIGO CORREIO GERAL—2—3.º
LISBOA

FAVORITA
DE
BOM-AMENA

=Romance de propaganda republicana, descrevendo fielmente a historia de França desde 1871 até ao prezente.—Saiu o 2.º fasciculo d'esta importante publicação, esmeradamente traduzida e illustrada.—É edictada pelo sr. Francisco Nunes Collares, proprietario da *Empreza Noites Romanticas*, Rua da Atalaya 18—

LISBOA